

REDACTOR PRINCIPAL  
Alexandre Vieira

EDITOR  
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional  
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Officinas de impressão - R. da Atalaia, 134

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Tathaba - Lisboa - Telefone: 2

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## COMO NO TEMPO DE PINA MANIQUE

### "A Batalha" e "Avante!" são objecto dos mais ferozes atropelos!

A lei de imprensa não permite a censura prévia, mas as autoridades exercem-na arditamente sobre "A Batalha" e "Avante!"  
A lei de imprensa não permite a apreensão, mas a polícia, à ordem do governador civil, como no tempo de João Franco, impediu ontem "Avante!" de circular!  
A lei de imprensa é iniquamente esfrangalhada nas mãos dos actuais detentores do poder que, impotentes para nos vencerem pela calúnia, recorrem aos mais arbitrários processos para evitar a nossa propaganda de ideias.  
Trabalhadores! Há, da parte do governo, o propósito de fazer desaparecer "A Batalha" e "Avante!" e, recendo investir connosco de frente, esse governo recorre aos reaccionários expedientes franquistas para nos fazer sucumbir.  
Contra nós estão unidos todos os partidos políticos: os republicanos, os capitalistas e quasi toda a imprensa burguesa.  
A classe operária, que tem alevantadamente tem secundado o nosso esforço, está entregue a defesa deste órgão proletariano, que só desaparecerá se o proletariado consentir que ele desapareça.

## O TERROR VERMELHO

Decididamente os governantes estão provocando a classe operária a um conflito que pode ter sérias consequências.

Esquecem tam depressa os políticos deste país as mais eloquentes lições que a história regista que nós pasamos da semcermonia com que eles repetem atitudes que provocaram ainda não há muito tempo acontecimentos que homens inteligentes deveriam ter todo o cuidado em evitar.

Evidentemente o poder oblitera todas as faculdades, até a do mais simples raciocínio; pois não se compreende que homens que tem observado mil manifestações de repulsa pela adopção de processos violentos, como as que o novo português tem produzido contra os governantes que de tais processos usaram, não hesitem em reincidir na prática de atropelos e até instituições.

Sabemos que os governantes são tomados dum grande receio, mas isso só prova que eles não dispõem daquela serenidade que deve serapanagem das criaturas sensatas. São, além de incompetentes, dotados duma obsessão doentia, que os leva a cometer os maiores erros, exactamente porque o seu espírito é perturbado pelo receio de se verem aliados de situações que hoje disputam, não por virtude de reais merecimentos, mas merced do acaso, que põe as vezes na mão de entecaptos os destinos dum povo.

Está há bem pouco tempo no poder o actual governo, mas apesar disso já conta no seu activo actos que o hão assinalado como um dos que mais tem atentado contra as bem limitadas regalias que a classe operária.

A sua acção só tem merecido os aplausos da burguesia, a comemoração das associações comerciais e a publicação numa imprensa caputosa que para a existe e que, por sistema, está, não com a justiça, mas todavia, afirma servir, mas a Mentira.

Perante a greve ferroviária começaram a manifestar-se, por banda dos governantes, uma atitude sistematicamente favorável aos poderosos, tendo eles lançado sobre aquela classe, que é uma das que maiores serviços tem prestado à pátria, os mais torpes enxovalhos, sendo um deles o de que o movimento tinha um carácter político, quando é certo que comissões representativas da referida corporação operária vinham entendendo negociações há cerca de seis meses não só com o governo, mas também com a direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, só se vendo recorrido à greve quando se reconheceu que haviam falhado todos os meios persuasivos.

Depois, o governo não hesitou em lançar mão dum processo perverso, como é o de colocar a ante dos comboios um vagão com grevistas, a pretexto de evitar actos de sabotagem, recorrendo a que nem o próprio sistema recorreu, a despeito de posto em prática contra a classe operária as mais rancorosas diatribes, motivo que assás contraria para ser lançado por terra, agora investe este governo

contra a imprensa operária e fã-lo, como é sua norma, calcando todas as leis, desrespeitando todos os princípios de direito, sobrepondo a sua vontade omnipotente à própria constituição da república.

Pretendem os homens que estão à frente do poder celebrizarem na prática dos maiores atentados contra a liberdade de pensamento, como se tal regalia, conquistada a custa de lutas hercúreas, podesse ser regulada por criaturas habituadas à vida servil da caserna.

Há a intenção de evitar a publicação de "A Batalha", embora para o conseguir se lance mão de processos justificados, como aqueles que ontem foram adoptados contra o nosso presado colega "Avante!"

Veremos se o governo colhe da sua nova arbitrariedade, que é daquelas que mais revoltam a opinião imparcial, os frutos que almeja.

Nós não temos a nosso lado, bem o sabemos, senão uma classe: a classe operária. Todas as outras formam contra nós, ligadas por um comum objectivo: o de nos aniquilarem, para aniquilarem as aspirações por que pugnamos. Mas recordaremos aos que supõem eliminar-nos com tais violências que nós sobejamos os exemplos a demonstrar que não houve ainda governo algum em Portugal que se mantivesse depois de ter enveredado pelo caminho, algo arriscado, que foi adoptado pelo actual, exactamente porque as violências desses governos tem sabido corresponder o proletariado com uma forte reacção.

Provocam-nos?

E' possível que o reptio seja aceto.

**Bico ou cabeça?**  
As gazetas burguesas fizeram-se eco, ultimamente, de informações officiosas acerca de uma pretensa propaganda bolchevista nos quartéis, exercida por elementos operários. Porém, dias depois, voltam a anunciar que foi capturado um sargento de engenharia por andar por sindicatos operários, fazendo propaganda de igual género, além que fiamos, pois são os operários que vão aos quartéis propagando o bolchevismo, ou os militares que nas associações proletárias, fazem essa propaganda?

E' este caso de pouca importância. Todavia, muito vale como precioso testemunho das calúnias e trapalhadas que a imprensa burguesa não tem pejo de dar a estampa nas suas colunas, unicamente com o fim de desorientar as massas trabalhadoras.

**Um crítico**

Nun jornal republicano da noite, um qualquer ilustre articulista, discretamente acerca das greves, condena de um modo formal o emprego de bombas pelos operários e os actos de sabotagem, praticados pelos ferroviários, sabotagem que considera criminosa.

Sem termos a pretensão de defender o uso da bomba - de resto, para isso não bastava o testemunho de alguns categorizados órgãos da opinião republicana e de vários homens do regime - permitam-se-nos que achemos muito natural que uma classe, pela inépcia dos governantes lançada na luta, lance mão de todos os recursos para com eficácia se defender das brutais agressões do poder. E não serão os republicanos, qualquer que seja o seu partido, quem tem autoridade para os censurar, porque é bom que não esqueçam que tem a responsabilidade sagrada dos movimentos revolucionários que nos últimos anos se tem dado, motivados por simples questões de game-las.

Ver na 2.ª página:

Greve ferroviária

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Depoimentos

Um cronista comedido, muito temente às leis e fiel respeitador das instituições vigentes, assim se expressava ontem, referindo-se à assembleia legislativa:

Que nos perdoem, mas o Parlamento tem sido um teatro onde o jornalista caprichoso e activo, inteligente e moderno, só tem podido aproveitar quadros de rua de revista, intriga de bastidores e episódios da praça da Figueira, para oferecer ao leitor.

Sempre um assomo de franqueza escapa aos mais precavidos, e é bom ir registando estes compassos em que cantam em unisono connosco aqueles que por norma mantêm tom diferente. O Parlamento é, na verdade, uma perfeita casa de espectáculos - e já João de Deus lhe chamava o "teatro de S. Bento", onde se representam as comédias. O repertório é que, por não ter sofrido variantes sensíveis, se encontra cada vez mais secante e aborrecido.

### Muita honra...

Honra-se "A Batalha" actualmente com a mais cordial animosidade dos outros jornais, animosidade manifestada já sem distar nos últimos dias. Isso nos prova que temos sabido manter precisamente aquela atitude que a defesa dos nossos princípios mais convinha. Se as nossas relações com os outros jornais não estivessem no pé em que ora estão, se não houvessemos ainda concitado contra nós os ódios que, presente e futuro, nos rodeiam, demonstraria que havíamos transigido ou, pelo menos, não sobejáramos cumprir cabalmente a missão que nos impuzemos. Mas são todos, santo Deus, a atacarmos! Deixá-los lá, que a caravana passará, quando vier...

### O governo faz "sabotagem"

Apesar de "A Batalha" ser enviada regularmente para o norte, somos informados de que o nosso jornal não tem chegado, pelas vias legais, ao Porto e a outras terras daquela região. Os processos de que as autoridades e os governantes usam para impedir a circulação do jornal, que mais os incomoda, por lhes dizer as verdades, são, na realidade, curiosos. Não são originais desses processos. Não são. São curiosos - repetimo-lo - tratando-se de gente em quem foi delegado o encargo de velar pelo estrito cumprimento das leis, não fazendo, por consequência, sentido que sejam essas entidades que se encarreguem de desfazer com as mãos o que fizeram com os pés.

Suas ex.ªs mal recebem - ignoramos como - os jornais que vão para o correio, agarram-nos e o que lhes fazem - não sabemos. O facto é que os impedem de seguir. Isto deu-se ontem na 1.ª e 2.ª secção dos correios.

E' possível que as amáveis autoridades, o governo, ou lá quem quer que seja, não saibam o nome com que nós, operários, classificamos estes actos. E' possível que não saibam, porque tudo quanto fazem é inconscientemente. A isto, vá lá a lição, chamamos nós sabotagem. Ora, estranhámos - não nos admiramos, porque de governantes tudo se espera - que suas ex.ªs não matem o bicho do ouvido com os nefandos crimes de sabotagem, crimes para o qual todo o rigor da lei é pouco, e venham, somadas as leis, vitimar-nos, contra a letra dos códigos, com o mesmo crime. Fielha, todavia, o governo, as autoridades policiais, ou lá quem quer que seja, muita paciência, porque "A Batalha", agrade ou não agrade a suas ex.ªs, tem chegado e continua a chegar - o segredo é nosso - ao seu destino, tal qual como os outros jornais, cuja prosa contumeliosa e reverenciadora deve agradar aos srs. do governo que gostam, pelo visto, de quem se acocore as manifestações da sua tesura. Que, afinal, de cores também nós estamos para tudo isto.

**A Sociedade das Nações**

O presidente da república suíça, adere entusiasticamente a essa ideia.

ZURICH, 22. - O presidente da Confederação Helvética, sr. Ador, discursando por ocasião do aniversário do poeta Kallier, declarou que a Liga das Nações é um grande ideal de fraternidade e solidariedade internacional e humana; não pode, pois, admitir, por um instante sequer, que a Suíça não entre para uma associação cujo fim é um ideal tão nobre. - H.

O presidente da república suíça, adere entusiasticamente a essa ideia.

O procedimento do governo vem agravar ainda mais a questão.

Nesse caso quer o governo atirar os grevistas para algum despachadoiro?

E' o que creio. O governo pretende, de julho em diante, vencer os grevistas pondo-lhes a morte diante dos olhos. Mas enganou-se o governo. O seu procedimento "bocho" só veio acirrar mais

## PROCESSOS "BOCHES"

### Um grevista entrevistado pela BATALHA

Declara que o acto de selvajaria do governo não fará recuar os grevistas

Continua sem solução a greve do pessoal ferroviário mantida há 23 dias, a despeito de todas as perseguições do governo e da Companhia, e das inúmeras tentativas realizadas por estas entidades com o fim de os deitar por terra.

Tem "A Batalha" relatado detalhadamente as diversas fases por que tem passado o movimento; fases que são, afinal apenas variantes nas formas do governo tratar a questão. Tem-se o governo negado, sistematicamente, a intervir com o intuito de solucionar o conflito com imparcialidade e tendo em mira apenas resvalar os interesses do país que é quem sofre com toda esta teimosia de governantes e Companhia.

Mas não se limita o governo a pôr-se ao lado da Companhia contra os operários. Vendo que estes não rendiam, recorreu à violência, mas violência sem precedente, nem mesmo nos tempos em que presidiam aos destinos do país creaturas reaccionárias. Temos que retroceder a uma centena de anos, pelo menos, na história da nacionalidade portuguesa, para encontrarmos factos com que possamos comparar os que o actual governo pôs agora em prática para obrigar os ferroviários a render-se pelo terror.

Não compreendemos bem o alcance da medida governativa. Não sabemos o que dela resultará. Resolvemo-nos a consultar sobre o caso um camarada grevista da C. P.

O governo pretende vencer os grevistas pondo-lhes a morte ante os olhos - diz-nos o nosso entrevistado

—Que nos diz o camarada dessa medida do governo, mandando pôr à frente dos comboios alguns grevistas presos?

—O que pretende o governo - diz-nos muito exaltado o camarada ferroviário - é, no dizer dele, acabar com os actos de sabotagem; e para isso coloca os operários à frente dos comboios. O certo, porém, é que não são os actos de sabotagem o que mais há a temer para os suplicados. Os actos de sabotagem não existem. O camarada deve saber, pelas informações que temos dado a "A Batalha", que, ultimamente, apesar dos comboios, embora poucos, que tem organizado, nenhum desastre se tem motivado por qualquer acto da parte dos grevistas que se tem mantido o mais ordeira e serenamente possível.

—O que quer então o governo fazer com essa medida?

—Para responder a essa pergunta, emitindo a minha opinião, que é, afinal, de toda ou quasi toda a classe, devo dar-lhes uns pequenos esclarecimentos. Como a camarada sabe, os rails, com o calor enorme que tem feito estes últimos dias são forçados a dilatar. Acontece isto em tempo normal quando cada seis quilómetros de linha dupla tem, para a conservar e vigiar, um chefe de distrito, cinco assentados e um sub-chefe que não se ocupavam de outra coisa.

Este grupo de indivíduos passa todos os domingos numa ronda ao fragmento de linha a seu cargo, apertando parafusos, abrindo novos furos, e justificando porcas e varinhas das agulhas. Alguns pontos há onde esta fiscalização tem de ser feita todos os dias, passando-lhe a queja para verificar se os rails estão rigorosamente paralelos.

Ora calcule o meu amigo em que estado se encontram agora essas linhas, se há quasi um mês que ninguém trata delas, repondo-as dia a dia no seu lugar. O calor fá-las estender, rebentam os parafusos, e afastam-se uma da outra o bastante para que, à passagem dum vagão vazio, não apañem completamente as rodas deste, e o façam deslizar.

—Mas, se o governo não sabe disso?

—Então não sabe? Pois se ele está em contacto com os engenheiros da Companhia!

O procedimento do governo vem agravar ainda mais a questão.

Nesse caso quer o governo atirar os grevistas para algum despachadoiro?

E' o que creio. O governo pretende, de julho em diante, vencer os grevistas pondo-lhes a morte diante dos olhos. Mas enganou-se o governo. O seu procedimento "bocho" só veio acirrar mais

ainda os ânimos. Agora mais do que nunca os grevistas se acham dispostos a vencer. E com eles tem também mais do que nunca, os ferroviários de todo o país, indignados com os actos do governo, que amanhã poderiam repetir-se com eles se conseguissem vingar.

—Mas há de facto, facilidade nos descarrilamentos dos vagões? Mas as locomotivas tem passado algumas sem descarrilar.

—Efectivamente algumas não tem descarrilado, o que não admira. Sabe que a locomotiva, bastante pesada como é, faz pressão sobre os rails e mantém-se apañando uma pequena tira de linha. Outrora não acontece ao vagão, leve como vai; pois qualquer impulso da locomotiva o fará saltar dos rails.

O governo desrespeitando a lei

—E o governo desrespeitando a lei? Quando da linha o vagão, a locomotiva será forçada a ir atrás dele. E tanto assim é, que uma disposição das leis ferroviárias do país, proibe expressamente que um vagão vá de tal modo atrelado à máquina, exactamente para evitar descarrilamentos. Repare, porém, que a lei foi feita para tempo normal em que a linha era vigiada rigorosamente, como já lhe disse.

Nesse caso o governo é o próprio a desrespeitar a lei.

—Como vê.

—Desconhecerá ele a sua existência?

—E' possível que desconheça. Quem não, a desconhece é a Companhia, que naturalmente se ri detrás da cortina. Isto é que não pode continuar assim. O governo dispõe-se a reprimir energeticamente todos os actos de sabotagem, que classificava de barbarismos. Como classificaria agora o governo os seus actos?

—Digam-me: os presos são sempre os mesmos a viajar?

—Não. Os grevistas estão presos no governo, civil. Vai uma escolta buscá-los, leva-os à estação, mete-os no vagão, e eles aí vão, à torreira do sol, em pé, sobe e umas molas feitas para carregar toneladas e toneladas. Calcule você o que sofrem esses desgraçados, feitos carneiros, aos tramalhões que a máquina dá ao vagão.

E foi já a despedir-nos, de parte a parte revoltados, que ele nos disse:

—Olhe, ainda ontem se deu um caso digno de registar: Um ferroviário em liberdade comprou um bilhete para a Figueira da Foz. Depois de ter as malas na carruagem e de subir para ela, foi preso sem saber porque e lá foi levar-se aos restantes presos do vagão, ficando sem a importância do bilhete e não podendo chegar ao seu destino. Ignoramos que fim tenha tido, pois não sabemos se agora sabe dele, nem dos outros que o acompanhavam.

—Mas há mais... Mas há mais... ia ele ainda dizendo quando nos lhe lembrámos que "A Batalha" teria hoje só duas páginas e não poderia tratar de tudo.

—Voltaremos ao assunto se for preciso, dissemos por fim.

## Operariado organizado PERANTE AS

### Violências do governo

## União dos Sindicatos Operários

A Comissão Administrativa, juntamente com alguns componentes deste organismo, reunida para apreciar a prisão arbitrária do militante operário Artur Parente, e bem assim a atitude das autoridades para com o diário operário "Avante!", resolveu convocar para hoje, às 21 horas, a assembleia de delegados, convidando-se especialmente para esta reunião, os delegados dos sindicatos que compõem a Federação do Livro e do Jornal. E' de esperar que atenta a importância dos assuntos que se tratam, nenhum sindicato deixe de se representar.

## EM PLENA "DEMOCRACIA"...

### Contra a liberdade de imprensa

O governo que, como o anterior, não passa de um feroz gendarme da burguesia, procura estrangular a imprensa sindicalista revolucionária

**"A Batalha" ameaçada de apreensão à ordem da polícia de segurança do Estado**

Pelas 6 horas de ontem, cerca de 15 polícias invadiram a oficina de impressão deste jornal, impedindo que se efectuasse a sua tiragem até que o chefe da polícia de segurança do Estado verificasse que "A Batalha" não continha material prejudicial ao Estado. Era, pois, o regime da censura prévia que se pretendia exercer sobre o órgão do operariado, isto em consequência do ódio de todos os parasitas, de todos os exploradores, de todos os políticos profissionais que a saque puzeram ao país, e que não podem ver com bons olhos a acção de "A Batalha" que, representando o proletariado consciente dos seus direitos e apontando-lhe o caminho do sindicalismo revolucionário como único meio de conseguir a sua integral emancipação, é a mais tremenda ameaça para essa parasitagem infame que, só com o contacto, conspira todo o trabalhador honesto.

A inesperada invasão da nossa casa da venda e oficina de impressão, opôs-se energeticamente o administrador deste jornal, que naquele momento ali se encontrava e que seguiu imediatamente para o governo civil, a fim de inquirir do chefe da segurança, a razão de tão estranhos sucessos, que não foram acompanhados de qualquer aviso. Uma vez aí, essa autoridade declarou-lhe que, realmente mandara buscar um exemplar de "A Batalha", mas que não ordenara a apreensão, tanto assim, que já determinara que circulasse livremente. Objecto-lhe o camarada Eduardo Freitas, administrador deste jornal, que não procederia assim a polícia, confessando o chefe da segurança que esse facto era devido à falta de experiência da polícia em matéria de apreensões. Alegou ainda que poderia, ao abrigo da lei de imprensa, suprimir "A Batalha", por que esta publica notícias de agrupamentos de índole revolucionária, opondo a esta afirmação o camarada Freitas, o facto de vários jornais burgueses publicarem notícias de vários grupos libertários, não tendo sido suprimidos ou incomodados por esse facto. Referiu-se ainda o chefe da segurança, a publicarmos as queixas de soldados, vítimas de atropelos dos seus superiores, classificando de dissolução a defesa que temos feito, como nos compete, dos trabalhadores fardados.

Durante a entrevista com o administrador deste jornal, deixou o chefe da polícia de segurança do Estado antever o desejo de que moderemos as nossas críticas. Representa isto uma coacção intolerável, a que de forma alguma nos sujeitaremos, pois "A Batalha" há de sempre, em todas as circunstâncias e custe o que custar, definir o pensamento dos que trabalham e não o da turba faminta dos políticos que ainda ontem roçavam os fatos cocados pelos marmores dos cafés e hoje se sentem grandes porque, para desgraça do povo trabalhador, as inconsciências da política hes depositaram nas mãos do poder. Isso não! Isso nunca!

Resultou da dimarção com o chefe da Segurança, ordem pronta para "A Batalha" poder livremente circular, o que não obteve, porém, a que sofressemos a sua demonstração de consciência resulte magistosa e grande!

E' mister que o governo e os seus agentes se convençam que "A Batalha" não será órgão do governo, mas o continuará sendo, dum instituição que se lhe opõe: a União Operária Nacional. E' mais fácil este jornal desaparecer do que converter-se ao credo governamental.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

Supunhamos que os governantes estivessem inteirados disso.

**A autoridade suspende violentamente o diário operário "Avante!"**

Mais uma violência temos hoje a registar nestas colunas. Triste é reconhecer que os homens do regime, a despeito das eloquentes lições do passado, tam insensatamente continuam cometendo os erros mais crassos, erros de que, mais tarde ou mais cedo, duramente virão a sentir os efeitos. Se bastante nos entristece esse facto, mais doloroso se nos torna constatar que, em plena República, a imprensa operária não tem a liberdade de que largamente gozaram os jornais republicanos nos tempos da monarquia, liberdade tão lata, que che...

Recentemente ser atacada a família real e o chefe do Estado, sem que a isso obtemos as autoridades. Foi preciso que a República triunfasse, em terras de Portugal, quando da madrugada radiosa de 5 de outubro, foi preciso que a democracia inciasse o seu reinado, para que a Liberdade de Imprensa sofresse os maiores ultrajes, ultrajes que chegavam ao ponto de se pretender suprimir um jornal defensor do proletariado, desse proletariado que em todas as circunstâncias não tem hesitado em empunhar as armas em defesa da República, ao passo que os homens das camarilhas políticas que a tomaram de assalto, se escondiam na sombra, acobardados, receosos de que os triunfadores do dia seguinte lhes arrancassem os fardos provenientes da exploração infame do crário público.

O diário operário "Avante!", foi ontem impedido de circular, sem que as autoridades justificassem o motivo por que tal faziam, o que representa uma violência sem precedentes, exercida sobre esse nosso querido colega.

Numerosas polícias cercaram a oficina de impressão do "Avante!", impedindo que a sua tiragem se fizesse.

Na rua encontravam-se algumas dezenas de vendedores de jornais, agarrados que a casa da venda abrisse. Como vários desses trabalhadores chamasse pelos seus colegas, a fim de vender o jornal se realizar ordenadamente, alguns agentes da polícia de segurança do Estado, que em nada fica atrás da preventiva de odiosa memória, agrediram-nos brutalmente, a soco, pontapé e bofetadas. Entre os espancados contam-se Cirilo de Carvalho, rua da Bela Vista, à Graça, 38, rés-do-chão; João da Fonseca, rua Salvador, 59, rés-do-chão e Pedro Alvaro da Silva, rua das Escolas Gerais, 18.

Há a acrescentar que o último dos agredidos é um pobre coxo, um indivíduo que, por esse facto, deveria merecer um bocado de consideração da parte dos ferozes esbirros, se de albergarem esse precioso sentimento tais feras fossem capazes.

E' preciso que o proletariado se ponha alerta contra as perseguições que o governo está movendo à imprensa sindicalista. Ele não pode permitir, sem que abdique do seu pundonor, do seu brio, da sua dignidade, que meia dúzia de aventureiros, por acaso guiados ao poder pela escamoteação hábil de uma revolta popular contra um movimento monárquico reaccionário, a vontade humilhem e estrangulem a imprensa operária, sem que um protesto vibrante, enérgico, viril, cheio de vida, lhes faça compreender que as legiões incontáveis dos que trabalham, não consentem que assim se apunhale, para defesa dos iníquos privilégios da burguesia, a Liberdade de Imprensa!

## NA AUSTRÁLIA

Motim de carácter militar em Melbourne

MELBOURNE, 22. - Ontem e hoje houve pequenos distúrbios provocados pelos soldados e marinheiros que voltaram da guerra recentemente. A polícia impediu que eles penetrassem nos quartéis. Um grupo dos amotinados apresentou-se em casa do primeiro ministro a reclamar a liberdade dos seus camaradas presos ontem e, como o presidente lhe dissesse que mandaria fazer um inquérito, os amotinados não se foram por satisfeitos, atiraram com um tiro a cabeça do presidente e depois com toda a mobília para a rua, aborrendo a polícia, dispersou-se.

Motim de carácter militar em Melbourne

Motim de carácter militar em Melbourne

Motim de carácter militar em Melbourne

Motim de carácter militar em Melbourne

Motim de carácter militar em Melbourne



CHILDO TERRASSE Soirée  
Elegante

2.ª exibição das 2 estreias de ontem: «Liberdade», 2 p.; «A Captura», 2 p.; 1.º e 16.º episódios

[illegible]

**A greve ferroviária**

...nflito, que parecia esta  
...ia de solução, complicava-se  
...novamente

...greve ferroviária, que para  
...ar-se em via de solução, ag  
...e novo, como consta da se  
...ofícios que do Sindicato  
...acabamos de receber:

...endo a comissão de melho  
...declarado ao sr. major L  
..., seu intermediário junto  
..., que não assumia a respo  
...de aceitar ou regeitar a pl

ne lhe era apresentada, de modo a não incluir o pagamento de greve, foi resolvido que o Congresso fosse uma assembleia no Sena, pois, fosse qual fosse o resultado, a comissão fosse à linha de frente dela, colaborando a favor, na solução conciliatória.

A plataforma presente à assembleia, quaisquer considerações que não influir na sua deliberação, foi tomada por unanimidade, sendo, da uma moção, que depois de considerados a assembleia, As conclusões dessa moção

Manifestar-se contra a plat  
entada; 2.º Manter firme  
se abordando a classe per  
de que tem sido vlt  
aram ao ponto de meter car  
bo de vagons, que seguem  
amboios; 3.º Dar um voto  
a a comissão de melhora  
apresentar perante seja qu  
claracão de que o pessoal  
cra esmagar; 4.º Que se a  
a maior serenidade o re  
demarches da comissão;  
Que se affirme que o pess  
ma o trabalho sem que lha  
os dias da greve e co  
nova subvencão.  
ta moção foi aprovada por  
de por prova e contra p  
pal de escritórios, tamb  
assembleu no Sindicato, ten

uma proposta dando o seu ap-  
licação à comissão da greve  
não retomar o trabalho, sem  
solucionado o conflito; tam-  
no pessoal aprovou por acor-  
moção em que resolveu

que estão ao serviço, devem  
e-lhes no rosto, quando se re-

Embaixada magna do pessoal do **gráfo-postal** residiu o sr. Mengo Sardinha, secretário-adjunto pelos srs. Nascente e Albino Araújo. Foi aberta a sessão falou antes dos trabalhos o sr. Aurelio Fainto, referiu largamente aos trabalhos que se tem cometido, propondo a nomeação dum conselho composto de pessoal da obra, para tratar do caso já mencionado. O sr. Manoel de Jesus Santos, do C. T., pediu a emissão empregue os seus trabalhos de modo que o caso seja resolvido de todos. Foi depois lido o relatório da comissão que declinou o seu voto.

ção em nome dela e si-  
garches que a mesma comiss-  
contra-se na ordem dos Aba-  
o o camarada José A.  
verbera os processos do  
com os ferroviários, diz  
na Espanha da Maura e  
um procedimento de igual for-  
do telegrafo-postais com  
dos do Sul e Sueste e clas-  
hora, não podemos consen-  
suar pangermanistas sejam  
pelos nossos governa-  
o e os esmagarem.  
da novamente a camarada  
a que diz ser necessário, co-  
que a classe telegr-  
esteja unida, não só para de-  
nos resses, como também de-  
nos trabalhadores. Decla-  
a classe não consentirá que  
tudie, sobre as reclamações

rebelde-se contra a resposta  
no em não querer aceitar a  
da nossa classe por ser do  
dos públicos e aceitar a  
um oficial do exército.  
Silva, da C. P., declarou  
diversas vezes que falou a  
afo-postal é a do Sul e que  
sua instigou a greve. O Com  
ra que a sua classe tem se  
o podem seguir.  
foram, as duas associações  
o pessoal maior e menor  
a seguinte ordem:  
O pessoal dos Correios e Tel  
miado em assembleia mag  
cejar o relatório da comiss

17 do corrente para servir  
diária do conflito ferroviário.  
Resolve aguardar o resolu-  
ções entabuladas entre a  
litígio e os mediadores ac-  
oportunamente se pronun-  
cando entretanto no gover-  
consensabilidade que possa ad-  
terior atitude que a classe  
Esta moção foi aprovada po-  
lado, encerrando-se a ses-  
por entre o maior enu-  
vivas à greve ferroviária e  
postal.